

ou histórico de alterações alimentares, adquiriram um melhor aproveitamento dos nutrientes da dieta após o desgaste corretivo, o que ressalta a importância desse tratamento dentário conforme salientado por Raslton et al. A remoção das pontas excessivas de esmalte dentário aumenta a digestibilidade dos carboidratos estruturais em equinos. O desgaste das pontas excessivas de esmalte dentário é importante mesmo em equinos sem lesões orais, alterações alimentares ou escore corporal indesejável, o que pode ser caracterizado como medida preventiva, além de corretiva.

Ocorrência de fraturas do segundo e quarto metacarpianos em cavalos de pólo

1- Hospital Vet. do 1º Regimento de Cavalaria de Guardas – Dragões da Independência (Exército). Brasília – DF

2- Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária - Universidade de Brasília – SP

Sá, P.A.¹;
França, R.O.²

As fraturas dos pequenos ossos metacárpicos ou metatársicos podem ocorrer em qualquer ponto ao longo do seu comprimento. Estas fraturas têm sido classificadas em fraturas do terço proximal, do terço médio e do terço distal, aberta ou fechada, simples ou complicada. As fraturas da porção distal dos pequenos ossos metacárpicos e metatársicos resultam de traumas externo ou interno. Supõe-se que a maior incidência de fraturas no quarto osso metacárpico esquerdo e no segundo osso metacárpico direito, observadas nos cavalos de corrida, podem ser resultado de um aumento de peso apoiado nestes ossos, quando o animal corre em sentido anti-horário. Este estudo tem como objetivo registrar a ocorrência de fraturas dos pequenos ossos metacarpianos em cavalos de pólo alojados no mesmo centro hípico, durante os anos de 2001 a 2003. Para isso foram avaliados o tipo de fratura, osso envolvido e membro acometido. Todos os animais estavam sob condições de treinamento similares quanto à intensidade de trabalho e tipo de solo na qual era exercido o treinamento (mesmos campos de pólo). Neste estudo foram avaliados dezessete animais sem raça definida, sendo nove machos e oito fêmeas, com idade de cinco a quatorze anos, com uma média de idade aproximada de dez anos. Dos dezessete cavalos examinados obteve-se um total de vinte e cinco fraturas. Os membros torácicos foram envolvidos nas vinte e cinco fraturas, sendo que onze fraturas foram no membro torácico esquerdo e quatorze no membro torácico direito. O membro torácico esquerdo foi acometido com cinco fraturas no segundo metacarpiano e seis fraturas no quarto metacarpiano. No membro oposto oito fraturas envolveram o segundo metacarpiano e seis fraturas envolveram o quarto metacarpiano. Um animal teve o segundo e quarto metacarpiano fraturado dos membros torácicos. Dois animais tiveram o segundo e quarto metacarpianos fraturados do membro torácico esquerdo e dois cavalos tiveram o segundo e quarto metacarpianos fraturados do membro torácico direito. Quatorze dos dezessete cavalos apresentaram desmíte do ligamento suspensório como causa principal da claudicação. Radiografias foram realizadas em todos os animais a fim de se confirmar a fratura. Quinze dos dezessete animais com fratura foram submetidos ao tratamento cirúrgico, sob anestesia geral inalatória a fim de se realizar a ostectomia parcial no ponto da fratura e da exostose quando existente. Notamos neste estudo que a radiologia é fundamental para complementar o diagnóstico de fratura do segundo e quarto metacarpianos. A terapia cirúrgica permite facilmente a ostectomia parcial no local da fratura, bem como da separação da aderência entre o perióstio e o ligamento suspensório. Todos os dezessete animais voltaram a participar do pólo. Um animal voltou a apresentar claudicação seis meses após tratamento cirúrgico e após ter voltado a sua atividade atlética. A causa principal de claudicação dos animais acometidos foi devido a desmíte do ligamento suspensório. A ostectomia parcial foi considerada o tratamento de escolha, pois os animais voltaram a sua atividade atlética. Stashak observou em

cavalos de corrida uma maior incidência de fraturas no quarto osso metacárpico esquerdo e no segundo metacárpico direito, devido ao aumento de peso nestes ossos quando o animal corre em sentido anti-horário. Neste estudo não se observou o descrito por Stashak, pois a incidência de fraturas no segundo e quarto metacarpianos do membro torácico direito e esquerdo ocorreu aleatoriamente, provavelmente porque os cavalos de pólo trabalham em sentido horário e anti-horário.

Incidência de dentes primeiros pré-molares - PM1 - em eqüinos da cavalaria da PMMG

Pagliosa, G.M.¹;
Alves, G.E.S.¹;
Hering, C.²;
Godoy Montello, J.T.³;
Vianna, W.S.⁴

1- Escola de Veterinária - Universidade Federal de Minas Gerais – MG
2- Curso de Medicina Veterinária - Centro de Ciências Agroveterinárias - UDESC - Lages – SC
3- Curso de Medicina Veterinária - Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro – RJ
4- Médico Veterinário - Regimento de Cavalaria Alferes Tiradentes - PMMG - Belo Horizonte – MG

O primeiro pré-molar no eqüino é um dente subdesenvolvido situado rostralmente ao segundo pré-molar e freqüentemente associado a problemas de adaptação à embocadura, motivo pelo qual recomenda-se sua extração. A incidência dos dentes PM1 em eqüinos encontrada na literatura é bastante ampla, variando entre 4 e 80%, sendo comumente unilateral e maxilar podendo ser mais freqüente em fêmeas. No entanto, esses estudos são oriundos de países onde é habitual a extração desse dente. Não foram encontrados estudos quantificando a incidência dos dentes PM1 no Brasil onde, em algumas regiões, não é habitual a extração dos dentes PM1 nos eqüinos, como também são ignorados a sua importância e o potencial para influir na performance dos mesmos. O objetivo deste trabalho foi quantificar a incidência dos dentes PM1 em um plantel de eqüinos de cavalaria militar. Foram examinados 113 eqüinos mestiços da raça Brasileiro de Hipismo (BH) e outras, sendo 82 machos castrados e 31 fêmeas não gestantes, com faixa etária variando de três a 17 anos, pertencentes do Regimento de Cavalaria Alferes Tiradentes da PMMG onde não se pratica a extração dos dentes PM1. Foi realizado exame oral direto, sem sedação, pela inspeção e palpação digital. Foram registradas em fichas individuais identificadas as características dos dentes PM1 de acordo com a localização, a simetria, a exposição ou a inclusão gengival. A incidência dos dentes PM1 nos eqüinos examinados – em torno de 25% do plantel - foi de 30,08%, correspondendo um total de 34 eqüinos (Tabela1), dos quais 23 (67,65%) eram machos e 11 (32,25%) eram fêmeas. A localização predominante foi a maxilar e bilateral (50%), seguida da unilateral maxilar direita (32,35%) e maxilar esquerda (14,71%). Não foi identificado nenhum dente PM1 incluso. A grande variabilidade nas freqüências de dentes PM1 encontrada na literatura, de 13 a 80%, pode significar uma falta de critério no estudo da incidência desses dentes em eqüinos. Alguns estudos foram realizados em crânios de eqüinos em países onde é habitual a extração dos dentes PM1, o que pode ter resultado em incidência subestimada. A taxa de 30,08% de incidência encontrada no presente trabalho refere-se a eqüinos mestiços da raça BH e outras, enquanto taxas maiores foram encontradas em eqüinos de raças puras, a exemplo da raça PSI com 60%. Isso sinaliza para a importância desse estudo em diferentes raças isoladamente. A maior incidência encontrada em machos pode não espelhar a realidade, visto que a maioria dos eqüinos examinada - 72,57% - era de machos. O ideal seria utilizar uma população de eqüinos com igual número de machos e fêmeas para avaliar essa freqüência, apesar da presença do dente PM1, diferentemente do dente canino, não estar ligada ao sexo. Na literatura consultada não foram quantificados valores para a localização dos dentes PM1, apenas sendo citada sua observação mais freqüente como maxilar e unilateral, o que não foi observado no presente estudo, no qual a predominância foi bilateral. Além da possibilidade dos dentes PM1 influírem na